

«**I**NÍCIO da Boa Nova de Jesus Cristo, Filho de Deus» — assim principia o Evangelho de S. Marcos que foi o deste segundo Domingo do Advento. E principia retomando o anúncio que muitos séculos antes o Profeta Isaías fizera da parte de Deus.

Antiga, pois, a Boa Nova! Nem antiga... porque eterna: Ontem, Hoje, Sempre, da parte de Deus só nos vêm Boas Novas. O Natal é o nascer do novo Sol que há-de cumprir a «promessa d'Ele de novos Céus e uma nova Terra nos quais habitará a Justiça».

Dois mil anos decorreram e tantas vezes os homens têm tentado eclipsar este Sol que «a nova Terra em que habitará a Justiça» é ainda uma realidade tão distante que ninguém sabe quando o será.

Em contraste com a Boa Nova de Deus, todos os dias os homens forjam más novas e se empenham em comunicá-las, criando nuvens que obscurecem o Sol. Porquê, se o homem existe para ser o alvo predilecto da Bondade de Deus e espelho da Sua Felicidade?! Porquê esta

# Natal



insanidade maldita que põe os comunicadores de profissão, debruçados sobre tudo o que é perverso e desgraçado e lhes não dá a ver nem reflectir que o Sol nunca será eclipsado; e mesmo com tantas nuvens que Lhe levantam, há muita bondade na Terra, luzeiros da Bondade e Beleza que Deus é?!

Pois também nós, comunicadores de profissão, embora de vida mergulhada em dramas que o mundo gera, somos, por isso mesmo, testemunhas da Bondade de Deus espelhada em tantos homens. Gente desconhecida da maioria dos comunicadores, aos quais nem importa tal conhecimento; mas Deus conhece-os e guarda-

-os: «sal da Terra», «luz do Mundo». Por eles a Terra ainda não apodreceu nem apodrecerá; por isso as trevas nunca foram totais; e há-de chegar o Dia em que «nem a luz do sol nem da lua serão necessárias para que haja Luz», porque o Sol cujo nascimento agora celebramos, nunca tem ocaso nessa «nova Terra onde a Justiça habitará»; e esses, aqui e agora desconhecidos, que a habitam, «serão encontrados na Paz».

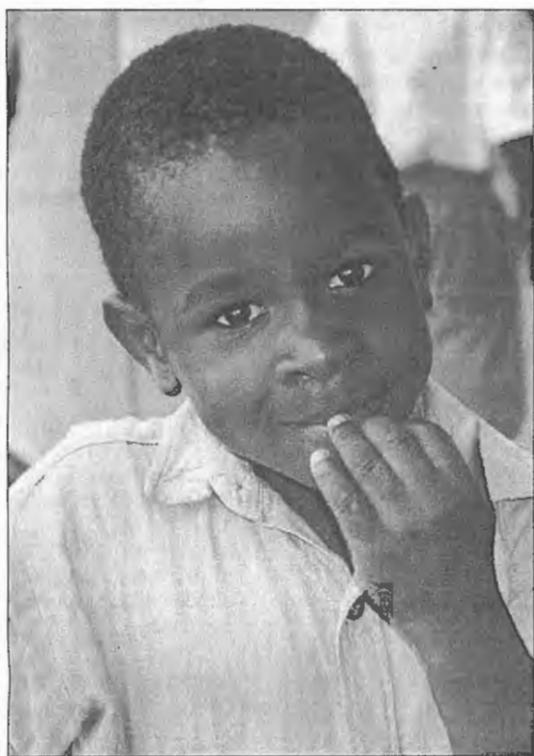
Como seria possível a nossa vida mergulhada em dramas se não nos submergissem, concomitantemente, tantas bondades que surgem, inesperadas, mas sempre no instante certo, a colmatar as

brechas de uma natureza frágil que se afundaria com ligeireza igual à de qualquer Titanic?!

Por isso somos, por profissão, comunicadores da Bondade de Deus que nasceu na Terra; tem um nome: Jesus Cristo; e, por mais adversidades que Lhe levantem, jamais cessará de crescer.

Esta é a certeza que cada Natal aviva — a certeza que desejamos a todos os homens.

Padre Carlos



O Patrício é um bom aluno do ensino básico, na Casa do Gaiato de Maputo (Moçambique).

## SETÚBAL

# Escola maternal

**T**ÊM sido muitas as pessoas que me têm manifestado comunhão na minha ânsia de arranjar Mãe para o Lar.

— Já a encontrou? Quem me dera ser livre! Se não tivesse marido e filhos quem ia era eu!... Como desejava assumir essa missão!... Mas!...

Naturalmente que não me dirijo às mulheres, mães de outras famílias e com os seus compromissos, mas àquelas que, ou solteiras ou

viúvas ou até mesmo divorciadas, estejam em condições naturais para assumir este delicado e grandioso ideal, correspondendo aos

apelos do Espírito de Deus!...

Passam-me pelo coração uma série de mulheres que em nossas Casas deram totalmente as suas vidas numa entrega contínua aos que não tiveram mãe. Algumas já ouviram, na globalidade do seu ser, o eco mais arrebatador e mais vivo que jamais se ouviu na terra ou no Céu: — Vem Bendita de Meu Pai porque eu não tinha mãe e tu... foste a Minha Mãe!...

Ressonância incomparável que encherá por toda a Eternidade Aquela que respondeu ao Senhor! E O amou com todas as Forças, com

todo o coração, com toda a inteligência e com toda a alma!..., na vida natural, pobre, simples e escondida de uma Casa do Gaiato.

Estou a ver também aquelas que no final das suas forças se desgastam até ao fim, depois de terem dado mais de meio século o seu coração aos farrapões da Rua!... Gigantes da caridade!..., que ninguém conhece nem louva nem propõe a ninguém para serem imitadas.

Ninguém as galardoou. Não escreveram livros nem discursos nem poesias! Não viajaram nem foram vistas nos areópagos do mundo ou

Continua na página 3

## BENGUELA

# Óbolo da viúva

**É** tempo de Natal. Quando estas notas chegarem às vossas mãos, o Natal está à porta. Passei, há momentos, pelo nosso pequenino infantário, onde estão algumas dezenas de bebés; fechei os olhos e gozei, em silêncio, a presença do amor do Pai naqueles bebés. De repente, o meu pensamento voou para o mundo grande, a perder de vista, dos bebés e crianças que não vêem o amor do Pai porque ninguém lho mostra. Deus Pai que é Boa Notícia para todos, ricos e pobres, pede-nos que não amemos só com palavras, mas em obras e verdade.

O tempo do Natal, não só por tradição, mas também por força da fé no mistério da Encarnação, aproxima as pessoas umas das outras. Ao longo do ano, podemos parecer indiferentes, distantes, perante os problemas individuais ou sociais que nos rodeiam. O tempo de Natal actua, muitas vezes, como um verdadeiro despertador das consciências para o compromisso com os outros, em especial os Pobres. Se todos pudessem experimentar a alegria que nasce dum gesto simples de amor para com uma destas crianças que encontro todos os dias, as suas vidas mudariam para melhor. Eles cantam e batem palmas por um caderno e um lápis para a escola.

Impressiona-me a atitude de Jesus Cristo, naquele tempo, diante dos que davam esmolas no Templo. Eram pessoas religiosas. O Mestre reparou na dádiva duma viúva. Reparou também na esmola dos chamados ricos. No fim, fez outro comentário: «A viúva deitou mais do que todos os outros». É chocante. E explicou: «A viúva deu do que lhe fazia falta». A sua vida mudou. Sentiu algo de novo. Os outros ficaram como estavam porque deram do que lhes sobrava. A sua vida não mudou. Isto dá para pensar. Se a nossa dádiva não for a expressão da vida presidida pela austeridade e disponibilidade, dificilmente poderá ser expressão da caridade. Daí o desprestígio da palavra caridade

Continua na página 3

# Pelas CASAS DO GAIATO

## Conferência de Paço de Sousa

**CONSOADA** — Cada um por si, sem foguetes nem ajuntamentos, levámos discretamente — como manda a Regra — aos domicílios de famílias pobres, géneros alimentícios com cheirinho a Natal, cedidos pelo Conselho Particular da Sociedade de S. Vicente de Paulo, qualificados como *excedentes da União Europeia*. Eil-os: Azeite, arroz, massas alimentícias, farinha, salsichas, latas com *hamburguers*, queijo, manteiga e bolachas.

Houve alegria nas casas dos Pobres, que guardaram nos armários estes produtos que consumirão, com regularidade, aliviando as suas carências d'ordem material.

**PARALISIA MORAL** — O Santo Padre recebeu os participantes da 30.ª Assembleia Geral da FAO que decorreu no mês de Novembro, em Roma. E, na linha de Catequese que transmite regularmente ao Povo de Deus, afirmou:

*«No mundo contemporâneo, a pobreza e as doenças já não se podem justificar face aos meios postos à nossa disposição para os combater.»* Por isso, acentuou: *«A família humana olha com esperança para as Nações Unidas e em particular para a FAO, para que sejam tomadas iniciativas destinadas à construção de um mundo no qual não sejam negados às pessoas os direitos básicos.»* O que não acontece, infelizmente, *«a milhões de pessoas que se vêem privadas das necessidades de base: um tecto, alimento, água... Doenças antigas e novas continuam a ceifar um infinito número de vidas humanas; o flagelo da violência e da guerra continua a alastrar. O fosso entre ricos e pobres continua a acentuar-se de forma alarmante. Perante estes factos, muitos são subjugados por um sentido de paralisia moral e pensam que nada ou pouco pode ser feito para resolver este problema. Mais necessária se torna uma acção que vença esta paralisia!»*

**PARTILHA** — Ovar, com 2.100\$00 do assinante 42971, *«para os mais necessitados e envergonhados ou para o que melhor entenderem.»*

Assinante 4452, do Porto, manda um cheque *«para regularizar o envio d'O GAIATO e o restante para ser aplicado conforme o vosso critério de necessidades, entre os Pobres da Conferência do Santíssimo Nome de Jesus.»* Fecha a mensagem com *«votos de santo Natal e bom Ano Novo.»*

O valioso e habitual contributo da assinante 31104, de Lisboa: *«Que isto vá ajudar os que sofrem, na mesma proporção como é grande a minha vontade de lhes suavizar o sofrimento.»* A caridade é assim.

Outro remanescente, de assinatura do *Famoso*, pela mão do assinante 11171, do Porto. Fomos companheiros, na extinta Escola Mouzinho da Silveira.

Um cheque, do assinante 59595, de S. Mamede de Infesta, com *«pequena oferta para os Pobres»* e *«votos de muita saúde para todos os obreiros»* da Conferência. Retribuímos com amizade.

Cinco mil, da assinante 57432, de Fátima, que aparece uma ou outra vez durante o ano. É uma Religiosa.

Mais um cheque, da assinante 9708, de Coimbra, berço da Obra da Rua, *«para o que for mais necessário aos carenciados — que são sempre muitos.»* E são!

Dois vales de correio: um, de Grijó, emitido pela assinante 12888; outro, de Outeiro-Cortês (Monção), expedido pela assinante 66815.

Retribuímos os votos da quadra, com o mesmo fervor que nos enviaram.

Em nome dos Pobres, muito obrigado.

Indicamos o nosso endereço: *Conferência do Santíssimo Nome de Jesus, alc do Jornal O GAIATO, 4560-373 Paço de Sousa.*

Júlio Mendes

## PAÇO DE SOUSA

**NATAL** — Como está a chegar o Natal, temos recebido muitos visitantes. Trazem brinquedos, guloseimas, etc. São nossos Amigos! Expressamos, a todos, a nossa gratidão.

**CANTO GREGORIANO** — Alguns dos nossos rapazes estão a aprender o canto gregoriano, pela professora Ana.

Teremos muitos passeios para dar, logo que estejamos capazes de actuar. Ela é muito nossa amiga.

**JARDIM** — O do Neca, agora, está melhor, porque ele gosta de ver tudo bonito. Ele também é nosso amigo.

**HORTA** — Deu sempre muita batata, cebola, alface, pimentos, pepinos, etc.

Estamos contentes com a produção, que abastece a nossa comunidade, à volta de 160 rapazes. E damos graças a Deus por tudo isso.

**LENHA** — Os «da lenha», assim conhecidos desde sempre, são os mais pequenos. Arrumam-na, varrem os caminhos da nossa Aldeia e despejam o lixo nos caixotes. Tudo feito a brincar, com a bola, as bicicletas e tudo o mais.

A minha obrigação é da parte de manhã, com encarregado da copa. À tarde, sou o chefe da malta da lenha.

**FUTEBOL** — Os mais velhos, da Casa do Gaiato do Tojal, vieram retribuir a nossa visita de

há um mês e jogar connosco. Ganhámos pela estreita margem de 6-5. Gostámos de os conhecer.

**CANDEIRO** — Foi colocado mais um candeiro na avenida da nossa Aldeia. Está pousado numa pedra antiga, muito bonita. Nós apreciamos estas coisas novas, que dão mais beleza à nossa Aldeia que, já de si, é maravilhosa.

Filipe David



Ricardo António Fernandes Alves, filho do Benjamim («Rouxinol») e da Margarida, residentes em Miranda do Douro.

tão bonita e tão sentimental! Se amássemos o nosso semelhante, havia de certeza menos egoísmo e ganância, podendo, assim, com amor, sabermos analisar quantos nos rodeiam que têm necessidade de uma palavra de conforto e carinho».

Nesta quadra natalícia vamos todos dar as mãos para que os nossos Pobres tenham uma quadra com mais amor.

Falando desta quadra maravilhosa, que é o Natal, quantos irmãos nossos estão esperando por nós para passarem um Natal com mais fartura, não só da Palavra de Deus, porque essa é muito importante nas nossas vidas, mas também com um pouco mais de fartura nas suas mesas, do que é habitual. Vamos todos nós e vós, tornar a noite de Natal, uma noite mais alegre e feliz para os nossos Pobres.

**CAMPANHA TENHA O SEU POBRE** — Amigo José, um cheque de 5.000\$00. Anónima, de Vila Nova de Famalicão, 20.000\$00. Amiga Lúcia, de Fiães, 15.000\$00 e uma mensagem a propósito dos Pobres: «Pobres sempre os teremos, como disse Jesus, mas são mais aqueles que deles se esquecem do que os que se ajudam». Deus abra os corações a todos aqueles que podem ajudar.

Amiga Valladares, mil escudos. Ilídio, 6.000\$00.

Para todos os Leitores, um santo Natal e o Pai do Céu vos guarde no Seu coração.

*Conferência de S. Francisco de Assis — R. D. João IV, 682 — 4000-299 Porto.*

Casal vicentino

## MALANJE

**VISITA** — Recebemos a visita do Senhor Cardeal D. Alexandre do Nascimento com um cântico de boas vindas.

Depois, seguimos para a nossa capela onde dirigiu algumas palavras de saudação e de amizade cristã, a todos nós e à nossa Obra.

**AJUDA ÀS POPULAÇÕES** — Não há muito tempo que as famílias eram forçadas a abandonar as suas casas, pelas bombas que destruíam violentamente as estruturas, feriam e até matavam muita gente; agora, porém, Malanje vive alguns dias de calma.

A nossa Casa mostra grande empenho e dedicação por este Povo, ajudando-o no funcionamento de algumas cozinhas que alimentam centenas de pessoas, entre os quais doentes, crianças e idosos.

Com este esforço moral e material que a nossa Casa tem dado ao Povo, a vida e a situação desta gente tem mudado

## RETALHOS DE VIDA

### «Alex»

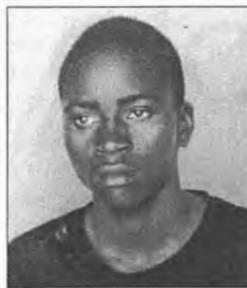
O meu nome é Diogo Joaquim António e, entre os meus companheiros, sou tratado por «Alex», mas não me zango.

Nasci no dia 2 de Abril de 1984, no Bairro de Kagambo, em Malanje.

Tinha 12 anos de idade quando vim para a Casa do Gaiato de Malanje, por necessidade... A minha mãe ralhava-me tanto, tanto, por não ir às aulas!

Quando for grande quero ser carpinteiro. Tenho cá três irmãos e gosto muito desta nossa Casa por ser tão linda!

Diogo Joaquim António («Alex»)



## SETÚBAL

**TELEMÓVEIS** — A tentativa dos telemóveis tem levado alguns rapazes a aventuras nunca vistas.

O Vinagre comprou um com dinheiro que o «Pastor» roubou do quarto do Padre Acílio, subindo a um telhado e arrancando a rede protectora da janela. O diabo deixa sempre o rabo de fora! A notícia da posse de um aparelho daqueles nas mãos do Vinagre fez cabeça no jornal da Casa. Toda a gente o soube. Até o Padre

Acílio que é sempre o último a saber tudo!

Márcio, que foi vendedor na Portucel e mais, veio com a notícia de que tinha sido assaltado e só trazia da venda d'O GAIATO uns trezentos e poucos escudos. A forma como se queixou do assalto deixou dúvidas e houve tribunal.

O chefe obrigou-o a dizer onde tinha gasto o dinheiro. Ficou no meio do refeitório e após uma hora apresentou o telemóvel.

Também quem vende um telemóvel a um miúdo precisava de ser chamado à pedra! Mas — hoje — quem chama à pedra?!...

**BICICLETAS** — Estão na moda, cá em Casa. É desejo do Padre Acílio dar uma a cada um. Alguns já ficaram castigados, sem elas, por um tempo, pois abusaram e não se responsabilizaram por elas.

Desde os mais pequenos aos maiores, toda a gente sabe andar. É bom para que os rapazes tenham a noção do equilíbrio. É também uma forma de gozar a nossa pista.

Quem estraga a bicicleta tem que a arranjar. É também mais uma ocasião para formar na responsabilidade.

**FESTA DE NATAL** — Vai haver festa — e rija. O auto está quase ensaiado e as poesias também.

Hélder Franco encarrega-se da parte cômica. «Begas», das danças. Luís Filipe e Sousa, da música. João Carlos e João Mário, do som e da luz. E «Bita», dos cenários mais da gruta do nascimento.

A D. Isaura prepara as roupas dos cavaleiros, dos pastores e das figuras mais importantes como José e Maria.

**CARTAS** — São seis os rapazes que andam a tirar carta de condução. Depois de um ofício, a carta é sempre uma mais valia para um emprego.

Começaram as aulas de código em Agosto e ainda só o Hélder fez exame do mesmo e ficou bem. Esperamos que outros façam também exame e fiquem aprovados. É uma vergonha andarem um ano para tirarem a carta!

**«ROLINHA»** — A mãe do Luís Rola veio cá roubá-lo. O rapaz, com doze anos, não sabia uma letra. Há mais de dois anos que não frequentava a escola e passava semanas e semanas sem ninguém saber dele. Agora, que já estava a encarrear, a mãe veio para o levar e os rapazes maiores não deixaram.

Ao intervalo da escola, três dias depois, escondeu-se e levou o filho num carro que um homem conduzia.

O Tribunal do Barreiro agiu imediatamente e, passada uma semana, já o «Rolinha» aqui estava pela mão da Polícia. Viva o Tribunal do Barreiro!

Repórter zero

## LAR DO PORTO

**CONFERÊNCIA DE S. FRANCISCO DE ASSIS** — Numa das cartas que recebemos, vinha esta mensagem: «Amizade é o encontro de duas

almas encantadas que confiam inteiramente uma na outra. Que bom seria se nós confiássemos uns nos outros! Para quê tanta desconfiança no próximo? O Senhor nosso Deus diz: *«Amai-vos uns aos outros, como eu vos amo»*. Frase tão bonita e tão actual! Cada dia que passa, o amor é uma frase que tem tendência a desaparecer do nosso vocabulário. Que tristeza é, para nós seres humanos, vermo-nos privados desta frase



A habitação do casal está a ficar pronta. Agora, anda a casinha da mãe-avó em obras.

## PATRIMÓNIO DOS POBRES

# Sonhos realizados

HÁ anos fomos chamados pelo Serviço Social concelhio para ajudar a solucionar a situação de dois dos sete filhos aos quais demos e continuamos a dar a mão.

Quando chegámos junto do casoto antigo onde nunca fizemos obras, com escada de grandes pedras sobrepostas, só com duas divisões — uma a servir de cozinha e o resto do dia, muito suja e desarrumada, outra para a noite de toda a família, com grandes buracos no soalho antigo, sem qualquer arrumo e limpeza — ficámos abismados com a habitação

onde tem vivido aquela família e todo o ambiente que a rodeia.

Família de sete filhos menores, pais e avó a viver ao lado. A mãe um pouco alheia e o pai silicoso à espera da hora de Deus. Alguns filhos a criarem problemas e a exigirem cuidados especiais.

Alertámos as autoridades da terra para fazerem alguma coisa a bem daquela família numerosa, em extrema penúria, mas o tempo passou e nada foi feito.

Há várias semanas saímos de casa resolvidos a encontrar solução para aquela

desgraça e, com grande surpresa, encontrámos junto da miserável habitação uma camioneta a descarregar tijolo e vigas de cimento. A Câmara Municipal do concelho prontificou-se a ceder-lhes o material para as duas placas: no chão e no tecto. Faltava a mão d'obra e as divisões possíveis e indispensáveis para a casa ser habitável.

Logo, ali, diante do casal, comprometemos o Património dos Pobres a pagar toda a mão d'obra e as obras começaram e estão acabadas. O construtor responsável, ao ver aquela miserável habitação, muito admirado desabafou: — *Como pode viver aqui esta família e criar os filhos que tem?!... É impossível!*

Numa das nossas visitas, a avó, muito surda, veio ao nosso encontro e suplicou: — *Senhor abade, mande também arranjar a minha casinha. Olhe que chove lá como na rua. Venha ver a chuva que lá caiu esta noite! Está tudo molhadinho. Eu arranjo-lhe cinquenta contos. Não os tenho, mas vou pedi-los aos meus irmãos.*

para melhor, cada dia que passa. Graças a Deus!

**JARDIM** — É o regresso das chuvas, e o nosso jardim volta a dar um ar da sua graça.

No entanto, o Luís, conhecido por «dono dos jardins», começa já a dar os retoques na parte da casa-mãe, enquanto o relvado que envolve o quintal e a capela toma a sua cor tradicional — a esperança. Esperança essa que mora no coração dos angolanos.

**FUTEBOL** — Revelo, com tristeza: devido à falta de preparação, foi impossível participarmos no campeonato provincial da modalidade. Facto que levou o nosso Padre Telmo a conseguir um treinador (fora de nossa Casa) para orientar o clube e treinarmos aos sábados, domingos e feriados.

**ELEIÇÕES** — Realizaram-se, em nossa Casa, no dia 10 de Outubro, sexta-feira, após o jantar.

Havia necessidade de alguns chefes deixarem as suas responsabilidades e passarem para a formação profissional.

O Guimarães foi eleito para o cargo de chefe-maioral com maioria absoluta.

Para os cargos de subchefes, a Comunidade elegeu os seguintes companheiros: Adão Ernesto, Luís Alferes, Orlando Feliciano, Arnaldo Joaquim, Ambriz Javeta e Adão da Costa. Esperamos, de todos eles, um mandato prudente.

Valdemar Marçal e Luís

**Associação  
de Antigos Gaiatos  
e Familiares do Centro**

Estamos a atingir mais um Natal e um fim de ano. Por esse motivo não deixamos passar a quadra, sempre lembrada, sem enviarmos aos nossos colegas, amigos, e suas famílias, bem como aos elementos das diversas Casas do Gaiato e restantes Associações, os melhores votos de Boas Festas e um ano 2000 cheio de Paz.

Também não podemos esquecer os amigos que, de algum modo, nos têm auxiliado. Assim como os que, de diversas formas, ajudam a Obra da Rua.

Manuel dos Santos Machado

*Olhe, mande-me fazer também uma lareirinha.*

Estavam, ali, os operários a ouvir o pedido da velhinha e prontificaram-se a fazer as obras — que também já terminaram.

**ENQUANTO** as obras seguiam, com a renovação da habitação, divisões interiores, quarto de banho, água e luz, cozinha com lareira e chaminé, meditámos o que as mãos dadas podem fazer de bem: preciosa colaboração da Câmara Municipal. Pensamos, muitas vezes, que há famílias numerosas, incapazes de encontrar soluções para as dificuldades de suas vidas. Temos ruminado como seria muito mais humana a vida dos Pobres mais limitados pela doença ou pela falta de iniciativa, famílias que estão sempre à espera de quem as ajude. Nós não podemos estar alheios à vida dos irmãos...!

Hoje, ao chegar a Casa, veio ao nosso encontro um dos nossos, casado, dizer com muito entusiasmo e admiração: — *O senhor Padre já foi ver as casinhas dos Pobres? Ficaram tão bonitas? A casa da velhinha está muito airosa. Não parecem nada com aquilo que eram!*

O encanto deste nosso rapaz e da velhinha ajudou-nos a ter mais vontade de fazer o que pudermos a bem da habitação dos mais carenciados e a desafiar todos para esta cruzada: ajudar a construir ou reconstruir *casas bonitas e airosas.*

Padre Horácio

## TRIBUNA DE COIMBRA

# Mudança de calendário

**Q**UER queiramos quer não, reveste-se de alguma magia e assombro a entrada no novo milénio. Não se trata de coisas obscuras ou de cenários apocalípticos. Mas o tempo tem uma força implacável e esta mudança do calendário faz-nos quedar diante da História, num misto de grandeza e pequenez.

Somos filhos desta noite longa que se perde no tempo e no espaço. Nela jaz, adormecida, uma multidão de homens e de mulheres que amassaram no sofrimento a utopia de um mundo mais justo e mais humano, abrindo-nos clareiras deslumbrantes.

A muitos desses «mortos-vivos» devemos muito do que somos e temos. Este pensamento sugere-nos um sentido permanente de reconciliação e de perdão sem os quais o passado poderia parecer-nos um abismo temível. O perdão e a reconciliação são considerados a chave certa da entrada no novo milénio. Passos gigantes têm dado as grandes religiões, nesse sentido. Muitos outros haverão de encetar as grandes ciências do homem, norteadas por um exercício permanente de indigência e humildade. Não existem absolutos em tempo algum, senão O de Deus. As manchas negras da História sempre se acoitaram à sombra de absolutismos devastadores. Daí, o nosso tempo, de fortes tentações, na mesma linha, poderá tirar grandes lições, pois estamos em melhores condições de óptica e de leitura.

Mas a vingança e o ajuste de contas, a velha lei de Talião continua com muitos intérpretes e seguidores. Perdoar aos mortos e abraçar os vivos é o grande desafio que nos é proposto a todos nós, que temos a dita de transpor os umbrais do novo milénio.

Faz-nos tão bem aquele pensamento com que os Livros Santos encham de sentido os nossos Adventos!: «Um dia diante do Senhor é como mil anos e mil anos como um dia...»

Padre João

# Setúbal

Continuação da página 1

da Igreja! Ninguém deu por elas! Não tiveram nunca tempo para nada, senão para em todos os momentos atenderem aos pequeninos e grandes que delas precisaram. Desgastaram-se pura e simplesmente na vida Pobre e com os Pobres!...

A Ana quis consolar-me com uma longa carta, a qual muito apreciei. Pede-me que

não a publique. Só vou transcrever uns parágrafos:

*«Eu não era para escrever... mas escrevi; porque quis dizer-lhe que Deus ouviu as vossas preces, pois tocou-me no meu coração. E, se tocou no meu, deve ter tocado em mais.*

*Deve andar por aí uma mãe que irá dizer sim a Deus, sem duvidar e sem olhar para trás. Irá caminhar na vossa direcção. Não perca a confiança nem a paciência de esperar: — Pode não ser hoje nem amanhã, mas talvez depois de amanhã...*

*Ó padre Acílio! É um passo tão grande esse que pedis! É um passo de gigante, cheio de coragem, fé, confiança, responsabilidade e amadurecimento. Desejo, do fundo do meu coração, que esse passo seja dado pela mulher certa e o mais rapidamente possível. Irei rezar por todos vós, para que esse desejo se concretize.»*

Também nós rezamos, Ana. Sabemos que Ele está à porta e bate... Mas só entra se lha abrimos, nem que seja uma pequenina fresta.

A Casa do Gaiato é também uma escola maternal. As mães também se fazem aqui. Não se exige que já o sejam. Na Casa do Gaiato aprendem a sê-lo.

Padre Acílio

# Benguela

Continuação da página 1

quando não se guarda, pelo menos, o mínimo de justiça. Havemos de reconhecer humildemente que, mais de uma vez, caímos nesse pecado, nessa falta de amor efectivo aos nossos irmãos. Necessitamos de conversão.

Os meios de comunicação social anunciam, com muita vida, os cabazes de Natal, à venda nos supermercados da Capital. Não são para a maioria da população. Não sei qual é a reacção da grande multidão anónima, que nada tem para o dia-a-dia. Quando chegar a hora, vamos ajudar os que nos batem à porta para saberem que é Natal.

Boas Festas!

Padre Manuel António

# África

**A**S conclusões do Manifesto que prometi a quinzena passada, aí vão, transcritas de um só fôlego, que as premissas que as fundamentam as fomos apresentando e comentando ao longo de quatro artigos que, com este, constituem uma unidade.

«Assim sendo, — concluem os Autores do Manifesto de tudo quanto antes afirmaram — nós, cidadãos angolanos, exigimos:

1 — Do Governo e da UNITA, o cessar-fogo imediato, em toda a extensão do território;

2 — A abertura urgente de linhas de comunicação formais entre os beligerantes, com a facilitação da sociedade civil organizada;

3 — A abertura imediata de corredores de paz para a assistência humanitária às populações famintas, designadamente os deslocados no interior do país;

4 — Que o Governo e a UNITA, em co-responsabilidade, incluam nos seus orçamentos militares a assistência das populações carentes, ao invés de responsabilizar a comunidade internacional pelos sobreviventes da guerra que movem contra a Nação angolana;

5 — A definição de agenda e calendário de negociações, pelo MPLA (partido no poder), a UNITA (rebelião armada) e a Sociedade Civil organizada, para a resolução definitiva das causas do conflito angolano;

6 — O estabelecimento das condições de participação inclusiva e de segurança dos angolanos no Processo de Diálogo Nacional para a Paz, em toda a extensão do território nacional, sem excepção.

7 — Que o Governo e a UNITA incluam, nos seus orçamentos de guerra, os fundos necessários para fazer a Paz, com patrio-

tismo e dignidade. Porque, se há dinheiro para sustentar a guerra, também o há para a efectivação da Paz.»

Esta «exigência» foi formalmente comunicada em 15 de Julho deste ano e publicada em Luanda na edição do jornal AGORA de dois dias depois. Infelizmente, até hoje, parece não ter sido ouvida por ninguém. Cinco meses passados, em que a sorte das armas pode ter bafejado ora uns, ora outros; em que a pressão da guerra pode ter abrandado aqui ou ali — a verdade é que nada de substancial mudou, pois, como foi dito, «o calar das armas não significará o fim da guerra» enquanto «as consciências, sobretudo as dos políticos, estiverem mais armadas do que os exércitos que dirigem».

O ponto 4 destas conclusões toca um tema que me parece sumamente importante para o respeito que a si mesmo se deve um Povo

independente: o não recurso às ajudas ditas Humanitárias aos «sobreviventes da guerra que o Governo e a UNITA movem contra a Nação angolana». Claro que elas são indispensáveis, no imediato, em razão do «caos social e económico do país». Mas este caos não é consequência de nenhuma catástrofe natural; é produzido pelo desvario dos homens. Que em Angola nunca se passou fome; e até poderia ajudar a debelá-la em outros espaços do mundo!

Esta necessidade e o apelo às Organizações Humanitárias promovidas pela comunidade internacional, significam uma certa hipoteca da independência, até porque tais ajudas não são isentas de segundas intenções, antes oportunidade de jogo para altos interesses encapotados de bem-fazer. É justamente este sentido de dignidade nacional uma das notas melhor impressionantes que me oferece este Manifesto.

Outra — e o ponto 6 o sintetiza — é a chamada aos angolanos (e só a eles!), ao «Processo de Diálogo Nacional para a Paz»; e a reclamação aos Poderes da segurança indispensável

## Poema de Natal

Menino de olhos azuis!  
Menino lindo, pequenino,  
sei que queres a Paz  
e pareces incapaz  
de fazer com que os Irmãos  
se unam para a construção  
de um mundo melhor!  
Sei que custa uni-los,  
mas não desistas.  
Eu sei que Tu és capaz.  
Não perguntes como nem porquê!...  
Mas sei que és!...

Do alto do céu azul  
foi Deus quem Te enviou,  
Príncipe da Paz.

Orlando

«em toda a extensão do território nacional» para a consumação de tal Diálogo.

E tudo isto, afinal, é possível dentro da Comunidade Angolana, sem interferências nem mesmo ajudas financeiras externas — termina o ponto 7 — «porque

se há dinheiro para sustentar a guerra, também o há para a efectivação da Paz».

Houvesse vontade...! Mas por enquanto são ainda tão poucos e tão frágeis os que a têm!

Padre Carlos

### ENCONTROS em Lisboa

## Tempo de Advento

**V**EM aí o Natal! Eis o eco que começou a ressoar em nossa Casa. Os mais pequenos, a quem estas coisas dos calendários, das semanas e dos meses se tornam um pouco difíceis, resolvem o problema perguntando a um mais adulto: — Quantos dias faltam para o Natal? Há dias, o Xaninha apresenta-se também. Disse-lhe o número de dias e perguntei-lhe: — Sabes o que isso quer dizer? Estendeu-me as mãos para lhe mostrar nos dedos... É a magia deste nome Natal!

Neste tempo de Advento, gostaria do silêncio que antecede os grandes acontecimentos. Tempo para escutar o Deus silencioso nos caminhos da história dos homens. Tempo também para contemplar o mistério que não se impõe, mas se deixa adivinhar por detrás dos Evangelhos da Infância de Jesus. Entretanto é o bulício à nossa volta, ruídos de todos os géneros... A publicidade com seus encantos enganadores... As prendas para encher os olhos... E o coração fica vazio.

Não sei se acontece com as outras pessoas, comigo acontece. Há momentos em que precisamos de voltar ao princípio, encontrar o elemento que fundamente o nosso ser. Isto acontece-me principalmente nesta quadra do ano. Não sei se é por ser Inverno e, na lógica das estações, tudo parece dormir, à espera de um novo despertar. Não sei também se é psicológico e, creio que ainda somos natureza, o nosso ser associa-se a todo esse Inverno da Natureza.

Ao pensar Natal penso criança. Criança que já fomos em que os horizontes se rasgaram à procura da nossa estrela. Penso no amor que recebemos e que demos, nos conselhos que escutamos ou não escutamos, as experiências por que passámos até encontrar-

mos o nosso rumo, sempre frágil, como é frágil todo o projecto humano. Talvez seja esta fraqueza que nos leva a sempre voltarmos a fundamentar o nosso agir do dia-a-dia, para percebermos a sua veracidade e a sua razão.

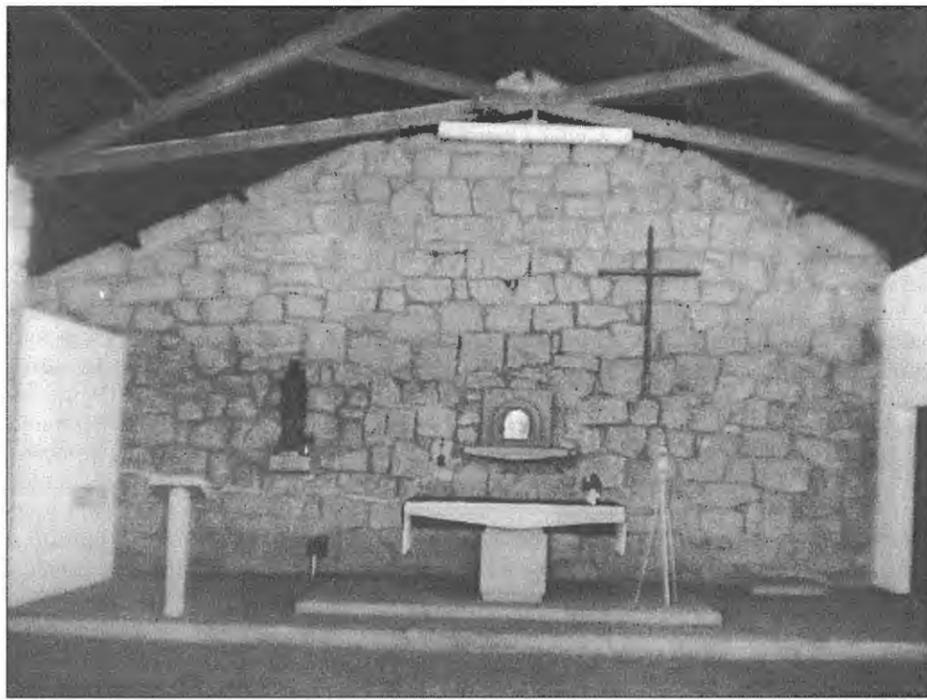
Ao caminhar para o Natal, é sempre uma criança que se me depara pela frente: o mistério de uma criança que se dá, que se entrega com toda a espontaneidade e gratuidade. Olho para o Fábio, o nosso mais pequenino, e é aquele sorriso e aquela entrega. Lembro o Menino-Deus e é o mistério do Deus escondido que só muito mais tarde se revela. Tudo se confunde com o mistério do homem e o mistério de Deus passando pelos mesmos caminhos. Durante muitos séculos fomos colocando Deus muito lá em cima, Altíssimo, Onnipotente, Omnisciente... Este nosso século passou para o outro lado, é tudo muito sem horizontes, só muito humano, demasiado humano... Embrenhados no nosso poder e saber temos dificuldade em levantar o olhar. É aqui que gostaria, neste Natal, de fundamentar novamente o meu caminhar: olhar o homem, olhar o nosso ser, mas ser também capaz de perceber o quanto Deus nos ama para que Seu Filho viesse estar connosco, assumir a nossa humanidade a fim de a elevar às alturas do divino.

Padre Manuel Cristóvão

### PENSAMENTO

Se a experiência das coisas divinas não fosse, como as demais, um facto individual e intransmissível, eu havia de passar para o teu peito tudo quanto no meu arde — para tu arderes também.

PAI AMÉRICO



Capela da Casa do Gaiato de Malanje. Simplicidade e beleza!

## MALANJE

10/11/99

### Grãos de milho

**C**AIU um saco de milho, numa viatura, e esparrou-se no chão. Logo, acudiram as crianças e grão-a-grão o apanharam. Lume de pauzinhos e os grãos torrados nas latinhas...

Sorriram, felizes, as crianças de volta do lume! As sobras, perdidas e encharcadas, das grandes nações...

Os grandes chefes, as grandes colheitas de milho, os enormes negócios de produtos vendidos às Nações Unidas!

Sementeiras e colheitas, aviões, navios, camiões e braços humanos para o transporte!

Quanto vale um grão de milho?!

Os que fizeram sorrir de alegria os três meninos e deram brilho aos seus olhos lindos!, não têm preço nem se vendem!

Valeu a pena!

14/11/99

### Contentores com leite

**C**HEGOU o contentor com leite — 16 toneladas — oferecido pela Cruz Vermelha de Portugal.

Está prestes a embarcar outro, em Lisboa, oferecido pelo Instituto da Cooperação Portuguesa.

Leite que será utilizado nos centros-cozinhas onde comem crianças desnutridas.

Em nome das crianças — vai a nossa gratidão e alegria.

O mesmo a todos os Amigos que têm enviado, para as nossas Casas do Gaiato, leite ou importâncias e nos vão chegando.

Solidários com os mais caídos... Samaritanos que não passam de lado, mas param, curam as feridas e levam à estalagem.

A vida tem sentido quando caminhamos com o Outro. Se atropelarmos, perderemos todo o bem e toda a alegria.

Padre Telmo